

# OS JOVENS E A INTERNET:

representações, usos e apropriações

Maria Luiza Belloni\*

## Introdução:

A instituição escolar, que podemos definir como um conjunto de *sistemas ensinantes* (Carmo, 1997), encontra-se face a um grande desafio que tem dupla face: do lado dos conteúdos, o florescimento pletórico do conhecimento científico e tecnológico põe em questão os currículos consagrados e, com eles, os limites das disciplinas atingindo ainda, em decorrência, os campos estabelecidos (Bourdieu); do lado das metodologias, a disseminação rápida das tecnologias de informação e comunicação exige transformações radicais nos modos de ensinar e aprender.

Que se fale em *revolução tecnológica, virada cibernética, ou digitalização* da sociedade; que se defina a contemporaneidade como *sociedade do conhecimento, da informação* ou *em rede*; o fato é que as transformações técnicas e científicas estão gerando mudanças sociais de grande importância que constituem novos desafios para o processo de socialização das novas gerações. Neste contexto e conjuntura faz todo sentido a consideração de Habermas (1973) sobre o par *técnica e a ciência* como ideologia que tem concretude, pois inspira e modela a realidade material, transformando-se em força produtiva importante, às vezes determinante, com consequências fundamentais para a socialização e, portanto, para os sistemas institucionalizados de educação (Belloni, 1984).

A integração das TIC aos processos educacionais é uma das transformações necessárias à escola para que esteja mais em sintonia com as demandas geradas pelas mudanças sociais típicas da sociedade contemporânea de economia globalizada e cultura mundializada.

Os jovens e as crianças incorporam fácil e rapidamente as novas tecnologias quando têm acesso a elas, simplesmente porque estão incorporando todos os elementos de seu universo de socialização: para eles tudo é novo e está no mundo para ser apreendido, apropriado, seja o conhecimento científico, os *gadgets* tecnológicos ou a violência sem limites nem perdão dos morros.

Por outro lado, o computador não é igual ao livro, e a internet é ainda mais fascinante que a telinha da tv. Cada um destes meios de comunicação e informação tem suas especificidades técnicas e semiológicas, “regras da arte” que precisamos conhecer, apropriar e colocar ao serviço da educação das novas gerações. Acredito que a melhor, e talvez a única, maneira de fazer isto seja conhecer os modos como os próprios jovens se apropriam destas tic e as integram em seu cotidiano, como eles se as representam e como percebem suas relações com elas.

A integração das tic aos processos educacionais institucionalizados exige difíceis mudanças nos modos de ensinar e de formar professores. É preciso considerar as duas dimensões indissociáveis destas tic: elas devem ser ao mesmo tempo *objetos de estudo* multifacetados e complexos e *ferramentas pedagógicas* capazes de potencializar as situações educativas. A desconsideração da primeira leva ao uso meramente instrumental dos meios técnicos como apoio a “velhas pedagogias”. Do mesmo modo, a desconsideração do uso das tic como ferramentas pedagógicas, ou seja, a consideração exclusiva da dimensão “objeto de estudo”, em geral reduzida à simples discussão dos conteúdos considerados inadequados (em geral violência e sexualidade, valores) e a decorrente valorização dos aspectos “educativos” das tic, pode levar a práticas pouco eficazes por absoluta não sintonia com os modos de perceber e pensar dos sujeitos do processo, isto é, as crianças e os jovens (Belloni, 2001a e 2001b).

As pesquisas relatadas a seguir buscam compreender como ocorrem os processos de apropriação e domínio destas novas “máquinas maravilhosas” (Friedman, 1979), pelo público jovem, com a intenção de contribuir para que a escola consiga dar o salto qualitativo que possibilitará a mudança profunda no sentido da formação plena do cidadão da contemporaneidade. Os dados da pesquisa brasileira são aqui apresentados de forma sintetizada e sem detalhes metodológicos, com objetivo de pôr em relevo as informações mais pertinentes, procurando assim, deixar ao leitor tirar delas suas próprias conclusões.

Estas informações se referem a duas pesquisas realizadas em espaços e realidades muito diferenciados, como diferentes foram também a abrangência e as condições de realização das pesquisas. A primeira parte trata de uma pesquisa internacional, realizada em vários países do “primeiro mundo” por um grupo de pesquisadores ligados a várias

instituições oficiais<sup>1</sup>. A segunda parte relata alguns resultados de uma pesquisa de abrangência muito menor, realizada em Santa Catarina, mais especificamente em quatro municípios da Grande Florianópolis, sob minha coordenação, com apoio do CNPq<sup>2</sup>.

## Pesquisa internacional: países ricos

Uma pesquisa realizada em 1999/2000, em seis países europeus e no Québec (Canadá francês), com jovens de 12 a 18 anos, mostrou que, para eles, o impacto da disseminação da rede mundial de computadores é grande, mas não exagerado, não maior do que foi o da televisão. A pesquisa, cujo objetivo foi “conhecer a atitude dos adolescentes *vis à vis* da internet” e produzir dados precisos sobre “a relação que eles entretêm com esta nova mídia” trouxe à luz muitas informações preciosas sobre como o jovens percebem e usam a rede mundial de computadores.

Combinando metodologias quantitativas e etnográficas, numa abordagem qualitativa, a pesquisa buscou estudar as interações entre os jovens e a internet, considerando principalmente três dimensões destas relações: as representações (a imagem que o jovem se faz da internet), a utilização, ou seja, as condições reais de uso num dado período, e as apropriações, o que consiste a saber o grau e o tipo de integração da internet nos hábitos de vida e nas práticas cotidianas do jovem e sua família e grupo de pares. Os locais de uso mais freqüente da internet foram os locais de realização da pesquisa: a escola e a casa.

Os dados sobre as **representações** que os jovens têm da internet revelam um percepção moderada, sem a esperada fascinação muitas vezes apregoada pela publicidade, nem apocalíptica nem deslumbrada. Embora qualifiquem a rede mundial de computadores como “revolucionária”, os jovens europeus e canadenses não a percebem como tendo revolucionado suas próprias vidas. Consideram a rede como uma ferramenta tecnicamente extraordinária, mas facilmente integrada ao cotidiano, sem maiores perturbações. Alguns

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada na Bélgica, França, Espanha, Itália, Portugal, Suíça e no Québec, com uma amostra de 3326 adolescentes, por centros de pesquisa ligados a Universidades ou ao Ministério de Educação. A fonte destes dados é o relatório síntese obtido no CLEMI, instituição do Ministério francês da Educação, responsável pela pesquisa na França.

<sup>2</sup> A pesquisa aqui relatada faz parte de uma pesquisa bem mais abrangente sobre os jovens e as tic e foi realizada em sete escolas da Grande Florianópolis, atingindo uma amostra de 373 jovens de 13 a 16 anos, alunos do ensino básico.

jovens, estimulados pela pesquisa, mostram-se facilmente críticos, e questionam as limitações da rede. Na França, onde a comunicação aparece aos jovens como o aspecto mais revolucionário da internet, muitas meninas criticam o anonimato e a despersonalização, por exemplo. Ficou bastante claro também que as representações que os jovens têm da internet estão “intrinsecamente ligadas aos discursos sociais veiculados pelas mídias, pelos pais e pelos pares”. Também foi possível perceber que: quanto mais o uso da rede se torna forte e habitual, mais a força destas representações se reduz. Destas informações podemos inferir que as relações entre os indivíduos (jovens) e as tecnologias são sempre referidas ao meio social. A consideração desta dimensão social da circulação das tecnologias é fundamental para a compreensão dos modos de apropriação das TIC.

As principais representações encontradas pela pesquisa são: i) Internet serve para se divertir e comunicar; ii) Internet serve para informar-se: a informação é confiável (pelo menos tanto quanto as outras mídias) e a rede é imensa e infinita;

Os jovens não questionam espontaneamente a credibilidade e a confiabilidade da informação: para eles a questão se coloca para todas as mídias. Interrogados sobre os perigos da rede, estimulados a refletirem sobre o tema, eles admitem que se deveria informar melhor os jovens sobre sites perigosos, embora sejam contra proibições. No entanto, é interessante notar que há diferenças entre países: na França e em Portugal, por exemplo, os jovens consideram menos preocupante a presença de sítios pornográficos ou pedófilos do que a de sítios racistas.

Uma representação bastante difundida entre os adultos, especialmente entre grandes utilizadores e especialistas, de que o inglês predomina, sendo a língua usada por todos na rede, foi desmentida pelos jovens pesquisados: eles tendem a surfar em sua própria língua, embora considerem importante saber inglês, mas não essencial.

Quanto à integração da internet ao cotidiano das pessoas, ela é percebida pelos jovens como mais um meio de comunicação e lazer, como um complemento e não como um concorrente de outros meios e instituições (de comunicação e de educação): a maioria desconfia e não usa o comércio on line. Em nenhum país a internet é percebida como uma alternativa à escola: mais de dois terços dos jovens não concordam com a idéia de que a internet poderia substituir a escola. Quanto à possibilidade de a internet substituir a televisão, as opiniões são mais divididas: os grandes utilizadores tendem a estar de acordo,

enquanto que aqueles que fazem um uso mais esporádico consideram que a internet não vai substituir a TV. O que é obviamente uma constatação objetiva em termos de tempo: é, na maioria das vezes, o tempo livre, antes dedicado à televisão, que vai sendo consagrado à nova telinha.

**A utilização:** quais práticas os jovens relatam? A pesquisa mostrou que há variações importantes de um país a outro: os maiores índices de uso estão no Canadá, onde 99% dos jovens declaram já ter utilizado internet ao menos uma vez. Os menores estão na Espanha (37%). A média dos países seis europeus estudados é de 71%, e em Portugal, ao contrário da Espanha, 82% dos jovens já usaram internet.

Quando perguntados sobre o que fazem na internet, a maioria dos jovens declara em primeiro lugar que busca informações de seu interesse ou para a escola, e só em segundo lugar menciona a comunicação e o divertimento. Embora os jovens ressaltem ver na internet “uma possibilidade infinita de comunicação e lazer”, eles parecem usar mais para atividades de pesquisa. Estas tendências variam segundo os países, mas é possível observar uma tendência comum: as atividades mais “interativas” (chat, down load, jogos on line, participação em fóruns, resposta a pesquisas, grupos de discussão, criação de páginas, etc) são menos frequentadas do que as atividades mais passivas, como consulta a bancos de dados, visita a sites, etc.

Há muitas semelhanças entre comportamentos de meninas e meninos. Observa-se porém duas diferenças importantes: as meninas preferem o *chat* e os meninos o *down load* de músicas ou imagens. No Canadá, de longe o país mais “tecnificado” da amostra, tendências se esboçam: os meninos menores jogam e copiam jogos, enquanto os maiores frequentam sites e navegam buscando informações. Em todos os países uma diferença pequena mas significativa: as meninas frequentam menos a internet do que os meninos. Outra generalização possível: o uso mais intensivo modifica e melhora (aperfeiçoa) as práticas.

As práticas mais frequentes dos jovens os mostram só frente à telinha, mas não solitários, já que metade deles dizem usar internet com amigos. Não há muito controle por parte dos pais: um terço apenas controla alguma coisa, mais em relação com o tempo (por razões econômicas e/ou de organização) do que com um certo tipo de uso, seja relativo ao conteúdo ou a atividades de ordem comunicacional (chats fóruns, listas, e-mail). Como no

caso de outras mídias (temos pesquisas para a televisão), os jovens partilham suas vivências com os amigos e irmãos, mas não com os pais. A pesquisa praticamente não registrou casos de utilização compulsiva e extrema, a maioria dos jovens declara um consumo moderado e razoável e uma tendência a privilegiar atividades de tipo “enciclopédico” ou “comunicacional”, permanecendo em terrenos conhecidos sem explorar novos setores da rede. A navegação se faz ao acaso e os modos de surfar variam muito; uma maioria significativa (76%) diz descobrir novos sites graças aos amigos mas também através das mídias audiovisuais e impressas (70%). Apenas no Canadá muitos jovens (43%) declararam conhecer sites novos graças aos professores. A família não parece importante neste processo, em nenhum dos sete países estudados.

Segundo os dados desta pesquisa, estamos bem longe da imagem de um jovem internauta que, graças à conexão domiciliar à internet, comunica com correspondentes do mundo inteiro ou passa seu tempo explorando novos domínios de conhecimento. Este tipo de usuário existe e aparece na pesquisa mas trata-se claramente de uma minoria. As novas gerações, pelo menos nos países ricos, parecem estar integrando de modo menos acelerado, do que previam os especialistas e esperavam os produtores, esta nova máquina de comunicar que, em que pese suas imensas virtualidades, não é percebida pelos jovens como uma grande revolução. Eles consideram a internet simplesmente como mais um meio – talvez o melhor-- de fazer mais as mesmas coisas que fazem com outros meios. É preciso lembrar que os jovens da amostra varia de 12 a 18 anos, ou seja, que alguns deles já nasceram com a internet em casa, o que a faz tão familiar quanto o rádio ou a tevê.

Muitos jovens relatam modos de uso bastante livres e autônomos: o que eles mais gostam na internet é o “poder de pilotar”, de agir e dirigir o modo de consulta, de escolher os programas, ao contrário do que fazem com a televisão, onde os programas são impostos. Muitos acreditam que podem fazer o que quiserem e que eles modificam o que está na rede.

Quanto às formas de **apropriação**, definida como “integração da internet nos hábitos de vida e práticas cotidianas dos jovens”, a pesquisa revela uma nítida diferença entre os países da Europa e o Quebec: no Canadá francês, um dos países mais ricos do novo mundo, “Internet aparece como integrada, sem perturbações, ao meio ambiente normal e cotidiano do jovem”, sendo considerada como apenas mais uma atividade entre outras, sem substituí-las. Segundo o relatório, ela provoca mais um “deslocamento” do que uma

substituição dos hábitos e do tempo dos jovens. Nos países europeus, a prática da internet permanece uma atividade fora do comum para muitos jovens e os hábitos de uso ainda estão pouco estáveis, o que gera uma tendência a representações idealizadas das práticas reais, diferente da visão mais estandardizada, voltada ao lazer e ao consumo, mais característica dos jovens canadenses.

O fator mais determinante das relações entre o adolescente e a internet é sem dúvida a presença ou não da conexão em casa. Se ela existe, o jovem usa com mais frequência e regularidade; à medida que o tempo de uso aumenta, tendem a aumentar o tempo e a sofisticação de uso. A utilização a domicílio é radicalmente diferente da que se pode fazer na escola: é “mais autônoma, mais livre, mais individual”. Em média, como vimos, o acesso é grande e tende a aumentar em todos países estudados. No entanto, a pesquisa mostrou, a partir das entrevista em profundidade, que muitas vezes a conexão não funciona muito bem, nem o tempo todo. Problemas técnicos e também econômicos (preço da conexão telefônica) acabam por tornar este acesso bem mais virtual e intermitente do que supúnhamos, principalmente na Europa. As representações, todavia, são totalmente positivas e a conexão com a rede continua sendo um objeto de desejo da grande maioria dos jovens.

A presença da internet em casa não exclui ou diminui a importância das outras mídias: “internet convive com as outras mídias”, incorporando-se sem perturbação aos usos midiáticos dos jovens: o “prazer de navegar não substituiu o “prazer da televisão, do cinema ou da leitura. Melhor ainda, internet combina bem com a música: pode-se escutar enquanto se navega ou “baixá-la”, para escutar depois.

**O lugar e o papel da escola** são importantes no que se refere à iniciação técnica: mais da metade dos jovens descobriu a internet na escola! Todavia, a integração da internet nas práticas pedagógicas, como objeto de estudo (e não apenas como ferramenta de ensino), é ainda muito irregular e incipiente, mesmo nos países europeus. Os jovens percebem e criticam esta utilização convencional e demasiado escolar (sem a dimensão da mídia-educação: “objeto de estudo” ), característica de seu uso na escola, tão diferente do uso muito mais livre e lúdico. Pode-se dizer que, ao não discutir a mídia e suas características, a escola não ajuda os jovens a compreenderem suas experiências lúdicas e a desenvolverem

modos autônomos e críticos de apropriação da técnica e de relações com as estruturas simbólicas atuantes na rede (os conteúdos).

Embora os jovens desejem uma presença muito mais forte da internet na escola, conscientes de que é preciso dominar completamente esta ferramenta essencial para seu futuro, eles estão também conscientes de que a internet não vai substituir fisicamente a escola em sua estrutura clássica (classe, professor e quadro), que é, para eles, “uma ocasião de socialização que a virtualidade da rede não pode substituir”.

A pesquisa revelou alguns traços dominantes e variações importantes que não permitem desenhar um retrato do jovem internauta: o acesso em casa e o uso na escola são determinantes nas práticas dos jovens e geram abordagens muito diferenciadas entre eles; o sexo, a idade, o nível de prática e de familiarização com a internet são variáveis que influenciam os modos de uso e os objetivos; as meninas são menos consumidoras de internet que os meninos. Também mostrou que, por detrás de uma banalização/disseminação progressiva, se desenha a desigualdade de acesso e uso.

## **Pesquisa nacional: Florianópolis\*\***

Em Santa Catarina, em quatro municípios da grande Florianópolis, encontramos muitas semelhanças e algumas diferenças essenciais nas relações entre jovens e internet, em comparação com os jovens dos países ricos. Trabalhando também com metodologias quantitativas e etnográficas, numa abordagem geral de ordem qualitativa, nossa pesquisa buscou também estudar as interações entre os jovens e a internet, incluída como uma tecnologia de informação e comunicação, numa pesquisa que procura saber como os jovens se apropriam e aprendem com as TIC.

Nossa primeira descoberta é que o acesso à internet é muito mais extensivo do que supúnhamos: 73% de nossos 373 jovens dizem já ter utilizado a internet pelo menos “algumas vezes”, enquanto a média dos jovens europeus é de 71% (declarando ter utilizado “ao menos uma vez”). Ou seja, os índices de nossa amostra são superiores à média europeia, e muito acima da média da Espanha (37%), embora estejam bem abaixo daquela do Canadá (99%). Como país periférico do novo mundo, o Brasil incorpora rapidamente as inovações técnicas na medida das possibilidades sócio-econômicas: sendo campeão de

desigualdade social, o acesso às novas tecnologias é profundamente marcado por esta desigualdade.

Nossa amostra inclui adolescentes da capital de um dos estados do sul, que está entre os mais ricos do país e, embora tenhamos incluído escolas públicas de bairros periféricos em nossa amostra, não tivemos um número significativo de jovens muito carentes que são legião nas escolas públicas de outras capitais. Um olhar mais atento nos revela, no entanto, que os maiores utilizadores (os que “costumam utilizar todos os dias”) estão entre os alunos das escolas particulares. Por outro lado, a parte da pesquisa qualitativa que trabalhou com crianças e adolescentes em situação de risco, ou seja, muito carentes, revelou-nos que o acesso às TIC ainda está longe de uma distribuição democrática e que operar um computador (mesmo sem internet) é um objeto de forte desejo (Experiência piloto, 1ª etapa da pesquisa, 2002).

Para tentar compreender as **representações** dos jovens quanto à internet, começamos por perguntar genericamente “o que é internet?” Sendo uma pergunta aberta de resposta bastante difícil, obtivemos 40% de não-respostas. Dentre os 225 jovens (60% da amostra) que responderam à questão, mais da metade (51%) apresenta respostas que destacam a função de comunicação da rede mundial de computadores, enquanto 28% indicam a função de acesso ao conhecimento e à educação (meio de pesquisa ou de estudo). Apenas 22% apontam a função de informação e um grupo ainda menor (9%) indica a função de lazer. (meio de diversão ou jogos).

Encontramos respostas diferentes na pergunta “por que a internet é importante na vida das pessoas?”. Dentre os 70% de jovens que responderam a esta questão, há um alto percentual (41%) que enfatiza a função de informação, enquanto 26% dos jovens consideram que a internet é importante para o acesso ao conhecimento e à educação. Apenas 15% dos jovens destacam a função comunicação interativa, que, no entanto, é a função mais presente nas práticas dos jovens como veremos a seguir. Um número reduzido de jovens (0,6%) aponta a função lazer/diversão (jogos) como fator explicativo da importância da rede na vida cotidiana, enquanto 19% lembram a utilidade geral da rede.

Ainda para conhecer as representações e opiniões dos jovens, apresentamos várias afirmações sobre a rede e solicitamos que declarem seu acordo ou desacordo com elas. Tratando-se de perguntas fechadas, obtivemos altos índices de respostas que nos permitem

melhor discernir o que pensam estes jovens. Assim foi possível observar que uma grande maioria (58%), por exemplo, considera mais fácil aprender com a internet do que com os livros. A facilidade com que os jovens aprendem a operar os aparelhos eletrônicos é também percebida por grande parte deles: 81% concordam que é fácil aprender a utilizar a internet.

A quase totalidade dos jovens sujeitos desta pesquisa (92%) não concorda com a frase “Internet é perda de tempo”, revelando que, do mesmo modo que sobre a televisão, os jovens têm uma opinião muito positiva sobre a rede mundial de computadores. Esta opinião positiva, no entanto, não impede os jovens de ter também uma visão crítica tanto sobre os modos de uso (76% concordam com a frase “a internet pode viciar quem usa muito”, da qual apenas 21% dos jovens discordam), quanto sobre a confiabilidade das informações encontradas na rede: 52% não concordam com a frase “Podemos confiar nas informações que achamos na internet”.

A quase totalidade dos jovens (93%) concorda com a afirmação: “A internet é um meio de diversão”, e mais de um terço deles (34%) concorda com a afirmação que a internet vai substituir a televisão. No entanto, a grande maioria (64%) não concorda com esta afirmação e, como vimos em outra parte da pesquisa, a frequência à rede não faz diminuir significativamente a frequência à televisão, mas mostra que as duas telinhas são complementares na ocupação do tempo livre de nossos jovens.

As virtudes pedagógicas e as possibilidades educacionais da rede ainda não são percebidas pelos jovens: a grande maioria (79%) não concorda com a frase “A internet vai substituir a escola”. É importante ressaltar, no entanto, que existe já uma minoria significativa (18%) que concorda com esta possibilidade.

Como vimos 73% de nossa amostra costuma utilizar a internet pelo menos “algumas vezes”, revelando um índice bastante alto de acesso a esta tecnologia de informação e comunicação. Para melhor compreensão da **acessibilidade e dos modos de uso** da rede por nossos jovens, os dados que se seguem referem-se a estes 271 jovens utilizadores mais ou menos regulares da rede.

A instituição escolar, ao contrário dos países ricos, desempenha um papel pífio neste processo de democratização da internet: apenas 20% dos jovens utilizadores dizem ter conhecido a rede mundial de computadores na escola. Os pares, por outro lado, parecem

jogar um papel mais importante: 25% dos jovens dizem ter utilizado pela primeira vez “em casa de um amigo”. A maioria dos jovens (35%) declara ter utilizado a internet pela primeira vez em casa, enquanto 8% dizem ter acessado a primeira vez no trabalho do pai ou da mãe. A acessibilidade tem a ver, pois, principalmente com a famílias, ou seja, com classe social.

Uma significativa maioria (61%) frequenta a rede há mais de 2 anos (em 2003), na média dos jovens. Este percentual é, no entanto, de 92% nas escolas particulares, revelando mais uma vez, claramente, as clivagens de classe no que diz respeito à acessibilidade.

A importância do grupo de pares e das mídias, bem como a importância menor da escola e da família aparecem muito claramente nas respostas quanto à descoberta de novos sites: 76% dos jovens dizem descobrir novos sites graças aos amigos, 47% mencionam as mídias (tv e rádio, 25%; revistas e jornais, 22%); enquanto um grupo muito menor indica os professores (8%) ou os pais (3%) como fonte de informação sobre novos sites.

No entanto, segundo a percepção dos jovens, um grupo significativo de pais (44% dos jovens que se declaram utilizadores) tenta controlar o uso que os filhos fazem da internet, mas há um grupo maior (48% desses jovens), cujos pais não exercem nenhum controle, sempre segundo a percepção dos jovens respondentes, revelando que a internet não é percebida pela família como algo negativo ou perigoso. Ao contrário as restrições que são feitas referem-se ao tempo gasto e ao custo da conexão.

Os **hábitos de uso** mostram uma tecnologia já bastante integrada no cotidiano dos jovens alunos da escola básica: 34% declaram utilizar a internet “todos os dias ou quase todos os dias”, enquanto 37% dizem usar “muitas vezes”, o que nos revela um percentual muito significativo de usuários frequentes (71%).

As práticas mais frequentes (“sempre ou quase sempre”) revelam usos mais voltados à comunicação: uma maioria significativa frequenta os bate-papos (46%; 25% de meninos e 21% de meninas) e pratica a interação por e-mail (46%, metade meninos, metade meninas), o que contraria de certo modo as representações e opiniões relatadas acima, que destacam mais as funções de informação e acesso ao conhecimento e à educação.

A escola não parece estimular muito o uso da rede para pesquisa: apenas 23% dos jovens dizem usar sempre a rede para pesquisa escolar. Um número maior (34%) declara

navegar ao acaso, visitando sites, enquanto 30% dizem “fazer download de jogos ou programas”, usos tipicamente de divertimento.

Há uma minoria de apenas 10%, quase todos meninos, que costuma jogar on line só ou com amigos, e uma grande maioria (51%) que usa a internet para ouvir (ou “baixar”) música (28% do sexo masculino e 23% feminino).

Os **modos de uso** mostram que os jovens não navegam tão ao acaso e que, provavelmente porque o tempo é reduzido ou controlado, a maioria (52%) visita sites conhecidos escrevendo o endereço enquanto um número bem menor (23%) navega ao acaso “clitando em palavras e imagens”. Poucos utilizam sites de busca (18%) ou marcadores/favoritos (19%), o que revela um uso ainda reduzido de todas as possibilidades da rede.

O interesse pelo tema e a familiaridade com as tic que os jovens de todos os grupos que estudamos neste “survey” e nas partes mais qualitativas de nossa pesquisa, bem como, para aqueles mais carentes, que não têm acesso às tic, o fascínio e o desejo que elas inspiram, revelam que estas técnicas podem ser meios preciosos muito efetivos de melhorar a qualidade da educação e democratizar realmente seus benefícios.

\*Professora e pesquisadora do Laboratório de Novas Tecnologias (LANTEC) do CED/UFSC, e coordenadora do grupo de pesquisa Comunic.

\*\*A pesquisa aqui apresentada foi desenvolvida em 2202/2003 e contou com a valiosa participação das professoras Nilza Godoy Gomes, do LANTEC e Silvanira Scheffler, da Univali além das estudantes bolsistas do CNPq: Simone Pereira de Lima, Rose Aparecida Souza Antunes e Jane Makoski.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLONI, M.L. – *O que é Mídia-educação*. Campinas, Editora Autores Associados, 2001a.

-- A integração das TIC aos processos educacionais. In Barreto, R.G. (org.) – *Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro, Editora Quartet, 2001b.

BEVORT, E. e BRÉDA, I. – *Les jeunes et l'Internet*, Paris, CLEMI, 2001.

CARMO, H. – *O ensino superior a distância*. Lisboa, Universidade Aberta, 1997.

FRIEDMAN, G. – *Ces merveilleux instruments*. Paris, Denoël-Gonthier, 1979.

HABERMAS, J. – *La technique et la science comme idéologie*. (trad, francesa) Paris, Denoël-Gonthier, 1973.